

Dirceu: 'Não vou pintar um cenário cor-de-rosa'

Ministro diz a parlamentares nordestinos que não há perspectiva de liberação de recursos do Orçamento este ano

Ilímar Franco

• BRASÍLIA. Os parlamentares do Nordeste receberam uma ducha de água fria ontem quando o chefe da Casa Civil, José Dirceu, disse que não há nenhuma perspectiva sobre a data em que o governo vai começar a liberar recursos das emendas ao Orçamento da União para este ano. Durante café da manhã com deputados nordestinos, o ministro afirmou que o governo ainda está liberando verbas de emendas do ano passado e que a situação financeira do governo é muito difícil.

— Não vou pintar um cenário cor-de-rosa. Ainda estamos liberando emendas do Orçamento de 2002 e já estamos em 9 de outubro. Isso é fruto do contingenciamento de R\$ 14 bilhões e do superávit primário de 4,25% do PIB — afirmou o ministro.

É preciso vencer a agenda das reformas, diz Dirceu

Procurando atenuar a pressão, o ministro pediu calma aos deputados dizendo que era preciso vencer a agenda das reformas para que o país pudesse concentrar esforços numa outra agenda: do emprego, da habitação, da reforma agrária, da segurança pública e do desenvolvimento.

Dirceu afirmou que a situação vai melhorar no ano que vem, quando há uma previsão de investimento de R\$ 7 bilhões. Neste ano, explicou, os ministérios estão com pouca margem de ação e que as únicas pastas que têm liberado recursos são Saúde, Educação e, um pouco, a de Integração Nacional.

— Liberar R\$ 20 milhões, R\$ 30 milhões de um Orçamento de R\$ 400 bilhões é uma guer-

ra civil, é foice, mesa e cadeiras para todos os lados — disse José Dirceu.

Para justificar a austeridade do governo, o ministro argumentou que o superávit primário e o contingenciamento não são um problema do FMI, mas uma garantia que o Brasil dá aos credores, nacionais e internacionais, de que eles vão receber. Para dar a volta por cima, Dirceu explicou que o Brasil precisa fortalecer seu mercado interno, pois do contrário o país será sempre um prisioneiro das crises internacionais.

— O país quebrou três vezes e três vezes foi ao FMI. Ir ao FMI significa não ter dinheiro para pagar seus compromissos. Temos que fazer essa transição, ela é difícil e tem esse custo que estamos pagando — afirmou.

Discurso descreve cenário animador

Mas o discurso do chefe da Casa Civil não foi pessimista, pelo contrário, acenou com um cenário melhor para o ano que vem, quando ele acredita que o país e o governo poderão se debruçar em políticas de desenvolvimento e distribuição de renda. Mas foi bastante claro quando disse que o nível de investimentos será baixo este ano e previu que ficará entre R\$ 3 bilhões e R\$ 4 bilhões, em vez dos R\$ 7 bilhões que constam do Orçamento.

Mesmo assim, o ministro confessou que se sentia aliviado pelo fato de o governo ter chegado ao seu décimo mês de gestão em meio a tantas dificuldades.

— Às vezes acho que é quase um milagre ter chegado até aqui — disse Dirceu. ■

Economia - Brasil



DIRCEU, LULA, DEDA e Ziulkoski: "O presidente nos deu esperança de que a economia crescerá. Mas a situação preocupa", disse Ziulkoski

Gustavo Miranda